



Para “Toda a Espécie”

«2020, com vírus»:

as crónicas diárias na *Visão* e outras intervenções
aquando da Pandemia de Covid19

Paulo Mendes Pinto

Para “Toda a Espécie”

Índice

“2020, com vírus”. A razão	5
Para “Toda a Espécie”: a Pandemia como fenómeno mental	6
As crónicas diárias durante o Estado de Emergência:	8
Aberta a Era do atravessar para o outro lado da rua	9
O caminho para o frio Norte	11
“Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra” ou, o vírus	13
A.M.O.R. vs Ódio	15
Confinamento ou eremitismo? A busca do sentido	17
O preço de uma vida	19
Porque “vai ficar tudo bem”?	20
Futebol, tremoços e Goethe	22
A Páscoa da Covid-19	24
Gaia, para lá de nós	26
Em busca de sentido para o silêncio	28
À espera do desejo de mudança...	30
<i>Decameron</i> , o humano obrigatório	32
A instalação do medo	34
Fez-se política: o processo de “desconfinamento”	36
Os Excluídos da Recuperação	38
Retorno ao Sagrado	39
O Ramadão da Covid-19	41
Prazeres por senha	43
Morrer ausente	44
A vitória do senso comum	45
O vírus silenciador	47

Para “Toda a Espécie”

O novo ócio: praias sem areia	48
O separar das águas: Brasil e EUA vs Europa	49
“2020, com vírus”: O tempo na ponta dos dedos	51
Para um pós-Covid19: Um "Novo Normal" em construção no Ensino	52
“Vai ficar mesmo tudo bem?”	53
Entrevista na Antena 1, programa «Que vida é a nossa?» por Eduarda Maio	

“2020, com vírus”. A razão

Dir-nos-á a história da palavra, que razão é uma medida, uma métrica que define uma racionalidade, uma lógica que faz com que algo seja assim e não de outra forma qualquer. Uma razão é uma ordem, uma realidade submetida a um princípio organizador.

Desta forma, uma pandemia está totalmente fora da razão que nos governa, subvertendo toda a realidade. E, se a razão de uma pandemia é a total ausência de lógica, pelo menos para os humanos que com ele terão de conviver, para mim, uma das formas de enfrentar o que sobre nós se abateu em março de 2020, foi a escrita. Escrever para tentar, quer compreender o fenómeno, na forma como me afetava, quer escrever, como terapia.

Quando foi decretado o Estado de Emergência, decidi que iria fazer, não um diário, mas um exercício de sanidade, procurando compreender o que se passava. Foi rápido o caminho até falar com a Mafalda Anjos, então diretora da *Visão*, e propor uma coluna diária sobre a pandemia. Numa rápida troca de impressões, foi batizada como “2020, com vírus”. Começaram no dia 30 de março desse ano distante de 2020.

Publicados todos os dias da semana, foram um exercício que eu nunca pensei conseguir levar a cabo. Mas tornou-se numa rotina que me alimentou e me ajudou a manter uma certa sanidade mental. Ainda na parte da manhã, pelas 11h, dava por terminado o texto que, depois de uma breve revisão, era enviado para a *Visão*, para ser publicado.

Estas crónicas foram um exercício muito importante para mim, na forma como me consegui libertar da dimensão pessoal, quase existencial, do problema. O sentido de todos os textos é universalizante nas questões que lança, na procura de, em textos importantes, em visões alargadas, tentar compreender que há mais nós que eu.

Hoje, exatamente cinco anos depois da data de arranque destes textos, sinto-me, ao mesmo tempo, tão distante e tão próximo, que não chego a saber se a pandemia me marcou de forma irreversível, ou se tudo continua como se nada tivesse acontecido. Por isso, mesmo, pela ambiguidade da forma de viver o que já é pretérito, decido recuperar estes textos e dar-lhes foro de memória.

Juntei um texto que foi publicado antes da secção na *Visão*, e uma entrevista que dei à Eduarda Maio, na Antena 1, sobre o tema.

É um regresso o que aqui temos. Não um regresso saudosista, que deseja algo que se perdeu, mas um regresso a uma situação que foi tão importante, que me espanta que, cinco anos depois, parece que nada aprendemos com este drama. Hoje já é apenas uma nota de rodapé na grande história da humanidade. E, não, não é apenas isso. E, se o é, é porque temos os valores completamente invertidos.

São Paulo, 30 de março de 2025.

Para “Toda a Espécie”: a Pandemia como fenómeno mental

*[Apolo] Desceu dos cumes do Olimpo, de coração irado,
trazendo aos ombros o arco e a aljava toda fechada;
à medida que ele avançava, as flechas retiniam
no ombro do deus enfurecido. E ele seguia, semelhante à noite.
Sentou-se longe das naus, e lançou uma flecha;
do arco de prata saiu um silvo terrível.
Atacou primeiro as mulas e os cães velozes,
depois atirou aos próprios homens com o seu dardo pontiagudo;
e as piras dos cadáveres ardião sem cessar.
Durante nove dias, os dardos divinos correram o exército.*

Homero, *Iliada*, Canto I, vv. 44-53.
(tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, *Helade*, 5ª ed. Coimbra, 1990.)

Nos últimos dias, com o decretar de quarentenas e de medidas de condicionamento à vida nos espaços públicos, vimos pela primeira vez alguns espaços emblemáticos sem qualquer pessoa: Praça de S. Pedro, Catedral de S. Marcos, etc, etc, etc.... espaços que apenas concebemos com muita gente, são-nos hoje apresentados nus de pessoas.

Se até há poucas semanas o bulício de tanta gente se mostrava quase ensurdecedor, impossibilitando uma boa fruição desses espaços, hoje somos brutalmente “ofendidos” na forma como concebemos o espaço público através da anulação da inevitabilidade do Ser Humano estar lá – afinal, o espaço existe sem mim, sem o meu semelhante. O *horror vacui*, a natural repulsa que a natureza tem ao vazio, parece ofender um olhar habituado a ter o pulular de gentes como sinónimo de vida.

O conceito de pandemia é o mais democrático que podemos imaginar. “Todo o Povo” (παν + δῆμος) é, literalmente, todo o universo de possibilidades em que nenhum grupo ou ninguém poderá afirmar estar de fora. Mais uma vez, uma epidemia tem também o horror ao vazio.

Tal como nas bíblicas Pragas do Egipto, a sexta, “sarna, que arrebatava em úlceras nos homens e no gado” (Êxodo 9:10,11), a pandemia relatada por Homero no canto

I da *Ilíada*, tem de ser fruto de uma ira divina. É tal a subversão da ordem natural que apenas essa é a justificação plausível.

Na *Ilíada*, o deus Apolo é mesmo retratado de forma quase covarde a atacar com as flechas. A guerra tinha uma ética. A morte com honra implicava a luta corpo a corpo, o olhar nos olhos. Apolo “*sentou-se longe das naus, e lançou uma flecha*”, cobardemente. É o que é uma pandemia; causando o caos e uma ordem fora da ordem natural.

Estas duas descrições de pandemias, que são das mais antigas que temos, ambas da primeira metade do I milénio a.C., mostram a arbitrariedade e a forma covarde na escolha daqueles que afeta. Não é uma pandemia porque afeta todos, mas porque pode afetar todos, sem distinção. Todo um povo está a sua mercê.

Mais perto de nós, a Peste Negra, que só seria erradicada da Europa no século XIX, criaria uma verdadeira mitologia traumática que ficaria marcada nos imaginários, trauma retomado e avivado com as epidemias e pandemias dos séculos XIX e XX, especialmente com a chamada Gripe Espanhola (1918).

Hoje, o vislumbre por paisagens normalmente pejudadas de humano, mostra-nos o deserto da higiene social para controlar a proliferação do contágio. Açambarcamos, pedimos o fecho das escolas, como que desejamos medidas draconianas que vão além do que a Constituição obriga, como no caso da quarentena forçada ou obrigatória.

Vemos, mesmo, as religiões a pedirem aos seus crentes que se abstenham de partes importantes da vida religiosa: só em Portugal, católicos mudam hábitos da comunhão e deixam de fazer o “Abraço da Paz”; Protestantes recomendam a “Ceia do Senhor” com luvas; Muçulmanos anulam a oração em congregação à sexta-feira.

Parece que tudo nos conduz para um medo fortíssimo, cimentado em milhares de anos de pandemias, em que o texto bíblico e Homero são apenas dos exemplos documentados. Trauma consolidado nas estruturas de pensamento, entramos em modo pânico.

As reações são o resultado do momento e dos factos em jogo, mas são também os medos testados no ADN de uma estrutura evolutiva que é uma espécie. Sim, a forma como reagimos a uma pandemia tem ecos na “memória” da espécie e na forma como estes fenómenos são um perigo acima da vida de cada um de nós.

Uma *Pandemia* não é uma doença para “Todo o Povo”, mas para “Toda uma Espécie”.

Para “Toda a Espécie”

As crônicas diárias, na *Visão*, durante o Estado de Emergência

(no primeiro Estado de Emergência, entre 30 de março e 1 de maio de 2020)

Aberta a Era do atravessar para o outro lado da Rua

A fila na farmácia não é grande. Três pessoas aguardam à porta, encostadas aos dois postes de sinalização de trânsito. O olhar é de resignação ou, melhor, de compreensão. Foi sabiamente instilado um medo coletivo que nos levou a uma aceitação como que de uma nova condição humana: o *Homo Hygienicus*.

Foi um longo processo em que nos fomos afastando da rua, pensando que ela era cada vez menos segura. Estava tudo errado, a rua até era mais segura que nunca, mas o medo foi denegrindo esse espaço social de excelência. O medo foi-nos retirando Liberdade, desejando vigilâncias vídeo; desejando polícias brutalmente armados em cada zona mais frequentada; entrando e saindo de casa e dos centros comerciais de carro, sem ter a necessidade de por um pé que seja na rua. É verdade, estamos no momento certo para nos afastarmos. Somos agora seres afastados, mas desejosos de proximidade e de abraços.

Mais à frente, numa loja qualquer que ficou com a montra ainda a publicitar saldos que não têm lugar, as cartas acumulam-se logo à frente da porta de vidro. Não estão ali há muito tempo. O dono desse pequeno comércio ainda lá vai regularmente matar saudades e dizer a si mesmo que em breve abrirá, sabendo que não imagina se mente ou se sonha. Contudo, quer ele, quer todos os restantes, acham com a maior das naturalidades que esta era a única solução. Mais uma vez, resignados, fizemos o mais correto. E sim, foi e é o mais correto, por mais que nos invada uma nostalgia da proximidade e da rua, por mais que desejemos que esta fase de confinamento termine depressa – o que sabemos ser irreal, utópico, mesmo.

Hoje, todos estamos certos, sejamos dos que pulverizaram as redes sociais com narrativas de ódio e de medo, sejamos os que lutam contra elas, pugnando por um mundo livre e aberto. Hoje todos afirmamos que temos de ficar em casa. É a máxima Igualdade levada ao altar do consenso através da real hipocrisia do método. Todos estão certos no final, mesmo sabendo eu que a forma de cá chegar foi doentia e desonesta.

Vivemos a Era do Atravessar de Rua. Não sabemos bem quando terminará, mas veio para ficar. Está-se a impor pelo medo do contágio, suportada pela distância da segurança social. Vamos no pequeno passeio que nos é mentalmente permitido para ir à farmácia ou buscar medicamentos, e atravessamos a rua se vemos vir alguém na nossa direção. É higiénico. É uma reação de segurança. É fruto do medo.

Aquilo que antes era apontado como forma de ofender, atravessar a rua para não se cruzar com alguém, é hoje afirmação de consciência, face aos inconscientes que seguem em frente e quase roçam no casaco do outro.

Para “Toda a Espécie”

Mas o mais irónico e brutal é a forma como o perigo que é externo acaba por ser colocado em nós. Fosse o nosso inimigo um grande mamífero selvagem que nos fizesse frente... era mentalmente mais fácil lidar com esse risco. Mas não, o inimigo entra em nós, faz-se parte de nós e transforma-nos em risco. Já não é um inimigo externo, mas está potencialmente dentro de cada dos iguais a nós com que nos cruzamos. Ele torna a nossa espécie e o nosso “vizinho” impuros, indesejáveis, capazes de serem postos fora da comunidade. É a ratoeira mais inteligente em que uma espécie pode cair: ser colonizada, ser transformada em inimiga de si mesma.

Já fomos à Lua. Planeamos viagens e colónias em Marte. Fazemos Aceleradores de Partículas capazes de reproduzir os momentos imediatamente a seguir ao *Big Bang*. Mas somos completamente impotentes perante um *ser* minúsculo que é um vírus.

Bem, não será exatamente assim. Fosse esta mesma Pandemia há umas dezenas de anos e tudo seria brutalmente diferente. Pior; muito pior. Hoje temos formas de combate e de organização que nos colocam na melhor época possível para resistir a um ataque destes. Mas é sempre revelador da nossa impotência, da nossa incapacidade para a superar.

Afinal, somos apenas uma espécie que não está no topo da cadeia alimentar.

O caminho para o frio Norte

Dizem os suportes digitais, assim como os mais tradicionais, como o *Borda d'Água*, que a Primavera chegou. Até o Horário de Verão já nos tirou mais uma hora de sono na noite da sua cíclica implementação.

Todos os anos é assim, quando os dias já são claramente maiores e os ritmos do dia-a-dia pedem que o crepúsculo tenha lugar mais longe, numa hora mais avançada, dando-nos tempo de sobeja para trabalhar mais, mas também para ir tomar um copo depois do trabalho, para viver mais a luz que nos agracia numa nova fase do ano.

Mas este ano está a ser diferente. Não que a Terra esteja a dar a volta ao Sol de outra forma, alterando as estações do ano. Não que a flora e a fauna não estejam a fazer o que Mãe Natureza lhes diz. Tudo está certo, perfeito e regular a nível climático. Exceto nós que este ano não estamos a colaborar com a mudança que o mundo tem nesta fase. Não vamos ver a luz do Sol, não vamos ao campo, não saudamos o mar, dificilmente sentimos, sequer, o vento no rosto quando nos abeiramos de uma janela. Parece que estamos a ficar fora da natureza.

Este ano, um pouco por todo o hemisfério norte, o tempo de correr para os campos para viver esse despertar de vida é exatamente o momento de ficar quieto, afastado, apartado da natureza e dos ritmos que nos colocam em sintonia com o cosmos.

Para quem está confinado, em casa, esta Primavera é como que um longo Outono. Não que o tempo seja cinzento, mas porque ficamos num tempo suspenso, alheados do tempo. Se não alheados, pelo menos impossibilitados de com ele nos pormos em comunhão.

Se o curso da rotação terrestre tende para Sul, trazendo para a nossa longitude uma luz mais quente, nós, impossibilitados de receber essa luz mais forte, parece que migramos mentalmente mais para Norte, que nos refugiamos onde o calor falta e os corpos se obrigam a menos contacto, a menos abraços e a toques menos efusivos.

Somos assim nós em estado de quase quarentena. Latinos que acabámos de eleger um Presidente de “afetos”, somos hoje obrigados a sublimar essa necessidade do contacto com a recusa ao toque, como se fosse alguma prática pecaminosa.

É um lugar-comum dizer que nas terras onde as neves são a paisagem de grande parte do ano, as gentes não se dão como cá. Se é verdade essa ideia feita, então nós estamos mentalmente em franca aproximação a essas longitudes mais a Norte. Se é verdade essa ideia que nos incutem e que nos diz que na direção do setentrião as pessoas são menos dadas, mais fechadas nos seus espaços e individualidades, então nós estamos nesse caminho.

Para “Toda a Espécie”

Como sairemos desta grande aventura de espécie que estamos a ser obrigados a viver? Diferentes, sim. Ficaré o “toque” marcado, tocado como que por um vírus de impureza?

Regressaremos aos beijinhos? Não àqueles que colocamos no final de uma mensagem, mas àqueles que dávamos no rosto de toda e qualquer pessoa com que nos cruzássemos...

Perderemos o toque fácil no braço, no ombro, na mão? Fechados, estaremos nas nossas casas ao final de tarde quando o sol desponta e as esplanadas nos chamam?

Ou tudo não passará de uma noite que ficará nas memórias, que levará a aprendizagens, mas não nos tirará o desejo de Luz, de Sol, de abraços e de carinho?

“Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra” ou, o vírus

Quando há uns dias fui à universidade e usei o carro para a viagem, mal arranquei, ligou-se automaticamente o rádio. Tenho-o sempre ligado para tentar perceber como está o trânsito às normais 7h30 quando saio rotineiramente de casa.

Não apaguei o rádio e fui andando com esse burburinho de fundo. Ainda nem há cinco minutos conduzia quando na estação sintonizada surgiu a rubrica sobre o trânsito! E qual não foi o meu espanto quando o locutor diz, simplesmente, “nada há a assinalar de complicações no trânsito de Lisboa e do Porto”. Eram 9h da manhã!... o normal seriam filas e filas!...

A célebre frase do Génesis bíblico, “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra” (Génesis 1, 28) ganhou hoje mais atualidade que nunca. Possivelmente, esta é a frase mais anti ecológica que podemos encontrar num Texto Sagrado. Ela foi a base de toda uma postura cultural que nos retirou dos ecossistemas e nos criou o convencimento de estarmos acima, fora deles. A noção de domínio é aqui plena e forte.

Sáímos do equilíbrio dos ecossistemas, dominando-os, alterando-os, usando a Terra como simples fonte de matéria-prima e de energia, e hoje somos postos em causa com um dos mais pequenos instrumentos que os equilíbrios naturais criaram, um vírus.

É sempre provocador regressar a uma frase que nos coloca em confronto com os vírus. Recordo a cena que no primeiro filme da trilogia *Matrix* marca a recuperação, o regresso à ação de Morfeus. Nessa situação em que o herói está quase a sucumbir, o Agente Smith interroga-o. Incapaz de dele tirar alguma informação, ataca com uma afirmação demolidora, comparando o ser humano, a espécie biológica, que Morfeus defende de forma irredutível, a um vírus:

“Vocês vão para uma área e multiplicam-se e multiplicam-se, até que todos os recursos naturais sejam consumidos. A única forma de sobreviverem é indo para uma outra área. Há um outro organismo neste planeta que segue o mesmo padrão. Você sabe qual é? Um vírus. Os seres humanos são uma doença, um cancro neste planeta. Vocês são uma praga.”

É, de facto, curiosa a forma de vida desta espécie que se auto proclamou, não apenas de *Sapiens*, mas de *Sapiens sapiens*. Depois da revolução agrícola ter votado muitas das terras férteis para a desertificação por exploração até ao limite, depois da revolução industrial ter levado a uma corrida louca às matérias-primas, tendo desenvolvido formas de colonialismo de que hoje ainda somos herdeiros nos traumas e nos conflitos que temos, estes “duplamente sábios” (*Sapiens sapiens*) encontram-se ao espelho de um vírus que age exatamente da mesma forma: esgota os recursos e vai para outro lugar fazer o mesmo.

Para “Toda a Espécie”

Regresso à minha viagem de carro, numa 2ª Circular vazia. Quanto mais não seja, esta pandemia já nos obrigou a algumas reflexões e a algumas constatações relativas ao trabalho e às deslocações: afinal, é possível ser produtivo e criativo com outro estilo de vida, trabalhando mais em casa, por exemplo.

No *day after* conseguiremos criar uma nova relação com o nosso planeta, ou vamos, arrogantemente, mostrar ao mundo dos vírus, e restante natureza, quem manda!

A.M.O.R. vs Ódio

Pode parecer brutal ao nosso olhar, mas a reação mais comum que a História viu foi a de demonizar os quadros de doença generalizada. Apenas cingindo-nos a Portugal, assim foi, por exemplo, com o desenvolvimento do clima antijudaico nos séculos XIV e XV, com o corolário que todos conhecemos no massacre de 19 de abril de 1506 quando a cidade de Lisboa estava assolada pela Peste e os cristãos-novos, “judaizantes”, foram acusados de ser a justificação para a ira divina.

É brutal ver hoje esta mesma reação a ter lugar, usando-se os argumentos pré-cartesianos, pré-racionalidade científica e moderna. Num artigo publicado ontem aqui na *Visão* (“Esse Deus não é o meu!”), José Brissos-Lino, académico, pensador, e também religioso, alertou-nos de forma veemente, desconsolada, mas muito pedagógica para esta realidade: quem ainda hoje olhe para Deus, mediante um olhar supostamente cristão, e veja nesse Ente Divino a fonte do castigo, da dor e do sofrimento: a Covid-19 é o castigo pelos excessos do Carnaval, indicam igrejas brasileiras.

Esta pseudoteológica é primitiva e instiladora de medo, fazendo-nos recuar muitos séculos em humanismo e na própria conceção de Deus. Mas mais importante, esta visão, tão propalada entre Igrejas Evangélicas e Neopentecostais no Brasil, implica uma outra visão e postura: se é castigo divino, então, como afirma Bolsonaro: “todos morreremos um dia”.

A leitura de um fim inevitável tolhe o discernimento e conduz a uma incapacidade de ver a ciência como fonte da solução. Neste caso, sim, a Religião passa a ser o ópio do povo, alheando-o e enganando-o porque lhe retira toda e qualquer capacidade crítica, levando-o para uma era pré-moderna.

No lado oposto, numa conceção humana e humanista de Deus, recorro como um monumento do que de melhor conseguimos fazer, a música A.M.O.R. do Pedro Abrunhosa. Plena e preta de sentido de dádiva, de compaixão, de amor, Pedro Abrunhosa conseguiu criar um poema perfeito na definição do divino.

“Porque só há um Deus no nosso céu, Chama-se A.M.O.R.”, canta o trovador, afirmando de forma sublime um *Humano, demasiado humano*, nas palavras de Friedrich Nietzsche ou, segundo ainda o filósofo, dando-nos uma lição prática de como “A arte deve antes de tudo e em primeiro lugar embelezar a vida, portanto fazer com que nós próprios nos tornemos suportáveis e, se possível, agradáveis uns aos outros”.

Sim, é insuportável ver grupos religiosos a serem dominados por quem os leva para tempos recuados de ódio, de medo e de exclusão.

Fiquemos com o poema.

A.M.O.R.

Podes rezar ao teu Deus que eu rezo ao meu,
Talvez o meu Deus seja o teu,
Porque só há um Deus no nosso céu,
Chama-se A.M.O.R.
Chama-se
A.M.O.R.

O meu Deus não usa balas nem se explode na multidão,
Que o teu Deus não use ferros nem se esconde na Santa Inquisição,
Porque cada um tem um Deus na sua mão,
E o nosso chama-se
A.M.O.R.
E alguém pergunta ao longe e eu digo:
A.M.O.R.

E se o meu Deus fosse uma Mulher e o teu também,
E se se beijassem na boca e no céu se ouvisse: 'Amén!',
Porque todos os Deuses tem destino de Mãe,
E o nosso é A.M.O.R.
Não é outro o nosso Deus que não
A.M.O.R.

E alguém me diz ao longe chama-se
A.M.O.R.
E há pobres e loucos que dizem:
A.M.O.R.
Podes pedir ao meu Deus que eu peço ao teu,
Que nos dê a Paz e a Luz e a Vida que nenhum ódio venceu,
Porque sabes onde estiver esse Deus estarás tu, estarei eu,
É um Deus que dá pelo nome
A.M.O.R.

E tu perguntas como se chama esse Deus e eu digo:
A.M.O.R.
E os tristes e os fracos dizem:
A.M.O.R.
E são poucos os loucos que não tem
A.M.O.R.
E é por isso que eu quero que tu digas comigo A.M.O.R.
E alguém na rua diz
A.M.O.R.
E eu digo mais uma vez
A.M.O.R.
Chama-se
A.M.O.R.

Confinamento ou eremitismo?

A busca do sentido

Hoje, as notícias e comentários sobre religião focam-se quase exclusivamente em dois grupos completamente distintos. Por um lado, as formas quase hilariantes que alguns sacerdotes e pastores usam para fugir ao confinamento e dar o apoio possível aos seus fiéis. E, por outro, o lado quase subversivo de algumas igrejas que recusam as ordens de recolher, que continuam a reunir as suas imensas assembleias e afirmam que tudo está nas mãos de Deus, que é um castigo, e que apenas Ele libertará. Este segundo é, realmente, um problema.

Mas a questão é fundamentalmente outra. Não que uma postura acientífica não seja importante de questionar e de equacionar nos dias de hoje. Mas o mais importante é tentar perceber como está a reagir a este momento único o quadro religioso que não nega nem demoniza a modernidade.

E neste largo grupo, maioritário e, nestes dias, mais silencioso, não se trata apenas de a prática religiosa se adaptar a uma realidade de confinamento em que as pessoas não podem ir à igreja. Numa resposta estrita, as experiências desta natureza já se fazem há dezenas de anos, que o digam os tele-evangelistas dos EUA que o fazem com um sucesso imenso, ou que o digam as imensas missas e orações que nas últimas semanas passaram a ser transmitidas pelo Facebook.

A questão hoje reside no que a religião pode dar em termos de questionamentos profundos e existenciais. O que as religiões podem oferecer de espiritualidade num quadro onde os desafios da sanidade são tremendos. O que, de sentido falando, a religião pode dar neste momento conturbado.

Durante mutos séculos, a resposta foi quase sempre essa: o castigo. O que de mal acontecia transversalmente a uma sociedade, fosse uma pandemia ou uma guerra, era fruto do abandono ou do castigo de Deus. O sentido era dado assim.

Hoje, com uma sociedade laicizada, com indivíduos mais cultos, mais exigentes para com as instituições religiosas, muitos, até, mais autónomos em termos espirituais, qual o papel das religiões? Estão a cumprir a sua função de apoiar os desfavorecidos, os mais frágeis? Ou estão também de quarentena no que de discurso de valores diz respeito?

Este é um momento único de possibilidades. De um lado, vemos as tradições que se agarram ao pré-moderno a fazer o mesmo jogo de sempre, a demonizar e a dizer que é castigo. Por outro, vemos as instituições tradicionais um pouco sem saber como fazer, e o que fazer, neste momento de exceção. Impossibilitadas de usar as mesmas armas dos movimentos e igrejas que negam as evidências científicas, as tradições mais antigas e enraizadas buscam

Para “Toda a Espécie”

um lugar numa espiritualidade que não se pode efetivar na comunidade como tem sido norma nos últimos séculos: a reunião em assembleia física, a essência da vida religiosa dos monoteísmos, está fora de questão.

Sim, o desafio é imenso nesta fase de confinamento. A religiosidade e a espiritualidade tem de ser, hoje, solitária, sozinha, quase em abandono. Transformados em eremitas citadinos, não temos ferramentas espirituais que possamos usar nestes dias de interditos imensos.

O que se aguarda das grandes tradições religiosas são essas ferramentas que, sem nos dizer que a culpa é nossa, nos ajudem a reencontrar: *Re-encontrar, Re-ligare, Re-lere*.

É essa a função da religião nos dias de confinamento. Fazer-nos “re”-tomar o que sempre fora nosso, mas que hoje se encontra ausente.

As Religiões terão de ser a mestra na gestão da ausência.

O preço de uma vida

Entre discursos patéticos, quer de Bolsonaro, quer de Trump, e alguns artigos escritos por académicos de renome, a questão da crise económica criada pela pandemia do Covid19 tem ganho alguns traços de debate fundamental que nos interessa fazer. E digo-o desta forma porque, sem o debate, por mais que nos pareça que temos já pronta uma resposta inquestionável, a situação que se parece avizinhar é de tal forma desconcertante face ao que tínhamos antes, que muito vai mesmo ter de ser equacionado.

Como todos estamos a viver, o turismo desapareceu, grande parte do comércio foi encerrado, muitas fábricas estão sem produção ou com ela muito reduzida, todo o universo da cultura e dos espetáculos está suspenso e, em todos estes campos, o desemprego é imenso e as implicações na vida social e económica dos cidadãos são enormes, muitas irrecuperáveis ou de retoma muito lenta.

Sim, o modelo económico que vivemos até há pouco pode estar em causa ou, pelo menos, ter de ser adaptado a uma realidade de muito maior pobreza. Seremos muito mais pobres, com desigualdades maiores e, acima de tudo, com uma parte de nós desempregados, com rendimentos muito diminuídos.

O desafio dos Estados é este: depois de resolvida a pandemia, o “apanhar os cacos” será mais dramático que, quem sabe, a própria pandemias em si. Que desalojados, que despedidos, que fome, que doença e que morte teremos após-Covid19?

É com base neste segundo drama que se ouvem propostas de “abrir a economia” rapidamente, procurando não ter implicações maiores à posteriori. Mas, de facto, como podemos colocar esta questão? É possível retomar parte da actividade económica para não ter um desabar total da máquina de produção/consumo e manter o confinamento dos mais frágeis? Ou, como já ouvimos, o sacrifício dos mais idosos é de ter em conta se necessário?

Temos alguém que seja descartável? Qual o preço de um idoso? Qual o risco que estamos dispostos a correr para ter um confinamento de apenas parte da população, regressando a restante às actividades normais?

Uma vida não tem preço algum, por mais idoso, doente ou sozinho que esteja a pessoa. Mesmo a chamada imunidade de grupo, defendida pelo governo holandês, implica que alguns fiquem para trás, faleçam para que isso aconteça.

Onde estamos na dignidade da pessoa humana quando equacionamos possibilidades que salvem a economia perante a morte? Até onde conseguiremos levar a solidez dos nossos valores humanistas?

Porque “vai ficar tudo bem”?

A não ser nas notícias relativas à China, todas as outras que de Covid19 tratam, nos mostram números de vítimas ou de infetados a subir. Sobem mais, ou menos, mas sobem. Contentamo-nos com a curva não exponencial, com a curva menos ascendente, com uma curva a aproximar-se de um planalto, o tão famoso “achatar a curva”.

E, no entanto, este é bem o nosso contentamento. Numa virose que se transforma em pandemia, este é mesmo o caminho: ir percebendo, aguardando, dia após dia, que o número de vítimas está a crescer menos.... Depois, sim, se tudo se mantiver irá diminuir o número de internados, o número de infetados, até desaparecer o risco público.

Esta realidade podia ser, quem sabe, um dia, a base de uma narrativa religiosa, de uma narrativa sobre a forma como, na dor, no sofrimento, conseguimos encontrar pequenas réstias de Luz que nos dão alento e nos guiam através de um caminho tenebroso.

No seu poema “Anthem”, Leonard Cohen fala-nos de Luz:

There is a crack in everything

That's how the light gets in

É curioso como, realmente, em tudo há uma brecha, um ponto por onde pode entrar a Luz. E ela entra. Temos, quantas vezes, a tentação de seguir culturalmente a angustiante visão antropológica negativa do meio-gnóstico Evangelho de João quando ele diz no final do prólogo (João 1:5):

E a luz resplandece nas trevas,

e as trevas não a compreenderam.

É tão mais realista a visão de Cohen que vê uma possibilidade de a Luz brilhar mesmo onde parece não poder passar. Quantas pandemias, quantos cataclismos e catástrofes a nossa espécie já viveu?

Fisiologicamente, a nossa espécie não está especialmente bem-dotada para a sobrevivência. O que nos diferencia é o cérebro e o que ele consegue fazer de pensamento e de emoção, de raciocínio e de emoção. Neste jogo brilhante e aparentemente contraditório entre Razão e Emoção está a nossa capacidade de decidir e de tomar opções como nos demonstrou o brilhante António Damásio no seu *O Erro de Descartes*. É nisso que somos bons, a resolver.

Para “Toda a Espécie”

E por isso está toda uma comunidade científica a trabalhar em medicamentos e potenciar vacinas. Por isso está uma parte da indústria a fazer máscaras e ventiladores. Por isso está tanto da nossa criatividade e esforço a resultar em abnegação e dádiva dos médicos, enfermeiros e demais técnicos, em pequenos gestos de apoio entre família, amigos e vizinhos, mas também em música oferecida a quem quiser passar pelos *websites* e ouvir, ou visitar museus, etc, etc, etc.

É nestes momentos que percebemos porque somos Humanos e porque, sim, **“vai ficar tudo bem”!**

Futebol, Tremoços e Goethe

Mais uma vez, hoje dei por mim sem saber em que dia da semana estamos. Confinado a casa, nada do que antes marcava os meus dias tem lugar. À exceção de aulas e uma ou outra reunião *online*, tudo o que fazia fora de casa, indo aqui e ali, reunindo, almoçando ou jantando algures, tudo isso desapareceu. A agenda parece uma folha quase imaculada.

É verdade que nada parou; o corrúpio de mails, de respostas e decisões pouco ou nada abrandou. Mais, com o contexto e necessidade de dar respostas, criei novas tarefas que me obrigam ainda a mais trabalho. Mas o viver o tempo desta forma é diferente.

O tempo parece ter-se virado para a valorização dos gestos, do que é mais sublime, mais importante. Este é um tempo propício para aligeirar carga de ritmos, de hábitos, de dependências que nos tolhiam a liberdade. Perdemos as boias que, em muitos casos, eram apenas vícios de gesto, de palavra, iludindo cada um num emaranhado que, afinal, se pôde desembaraçar de forma quase imediata mostrando como era artificial.

É um contexto único que nos mostra como um certo *back to basics* é possível e, acima de tudo, desejável. Todos vemos mais filmes, mais séries. Todos telefonamos mais a quem nos é querido. Todos temos, hoje e só hoje, milhares de visitas virtuais a museus gratuitas, assim como milhares de excelentes concertos à distância de um simples gesto. De forma generosa, as instituições culturais e os artistas vieram para a comunidade com o que fazem de melhor.

É a oportunidade para alterar a ordem das prioridades e dar espaço a uma forma de vida mais estética, mais equilibrada. Atribui-se a Goethe uma célebre frase repetida um pouco por todo o lado, mas não vivida a fundo. Diz ela:

“Todos os dias devíamos ouvir um pouco de música, ler uma boa poesia, ver um quadro bonito e, se possível, dizer algumas palavras sensatas.”

Quantas vezes me tenho lembrado nestes dias daqueles de nós que passam pelos dias com uma caneca de cerveja na mão e o olhar num écran a ver um grupo de atletas pagos a peso de ouro a correr atrás de uma bola ou, pior, a ouvir os comentários de um grupo menos rico e menos atlético de opinadores.

Que é feito dessa gente que se arrastava, até há poucas semanas, atrás de uma qualquer mesa de café, gritando e discutindo a profundidade de um “cartão amarelo”? Fechados em casa, sem futebol, verão os ditos museus que hoje nos permitem viagens virtuais às suas coleções? De que forma a vida estética de Goethe se alinha com a vida deles?

Se a arte, a música e a literatura são formas de libertação, de pensamento e de espiritualidade, como a desenvolver em meios tão agrestes e tão pouco preparados para ela?

Para “Toda a Espécie”

Que o confinamento, de alguma maneira, nos retire dos écrans do futebol e nos permita ouvir uma boa música, ler uma boa poesia, ver um quadro bonito. Tudo isto num dia e nos outros todos a seguir.

Só isto nos faz Humanos.

A Páscoa do Covid19

Os momentos de exceção como o que vivemos hoje criam verdadeiras incongruências simbólicas ou até de sentido. Perdemos o sentido dos símbolos e vivemos tantas vezes os calendários de forma apática e sem compreender o sentido profundo que os principais marcos nos revelam.

O núcleo mais central da Páscoa cristã começa hoje, recordando-se a prisão de Jesus e a Última Ceia, dando-se início ao ciclo da reinterpretação que a figura de Jesus faz da Pessach judaica, que teve início ontem. A simbólica original é a da “passagem”, o significado da palavra em hebraico, e o ponto de chegada cristão é a ressurreição, uma outra passagem, no quadro de um sacrifício.

A Pessach judaica radica na passagem da servidão para a Terra Prometida, na fuga através do Sinai para uma identidade própria. Antes do ciclo descrito na Bíblia, que vai do Egipto para Canaã, não há Povo. É este o evento que, mais que marcar a passagem e a fuga para um território próprio, marca o arranque de uma identidade, de uma cultura, de uma nação.

A Pessach é comunidade. É também família, mas é mais, é o todo que se identifica com esse ato criador de um coletivo. Neste sentido, a Páscoa cristã manteve toda essa dimensão de vivência familiar de uma festa de identidade coletiva. A Páscoa é, sem qualquer sombra de dúvida, a peça central na fé cristã.

Mas neste ano 2020, quer a Pessach, quer a Páscoa serão vividas fora da sua essência. Não haverá a materialização da ideia de “passagem” na viagem para um local onde seja vivida de forma mais tradicional, em família. Não haverá as grandes demonstrações públicas de fé.

Este ano será como que um regresso ao momento zero das “páscoas”, a mãe-de-todas-as-passagens. Se a judaica representa a libertação enquanto povo, estabelecendo-se uma nova aliança através de Moisés, então hoje estamos no momento exatamente anterior: confinados numa servidão que nos retirou a liberdade, somos agora confrontados com a necessidade de reinterpretar a forma como vivemos, usando esta pandemia como catalisador, o ponto de não retorno que nos mostrou que, afinal, podemos fazer uma passagem para uma vida diferente.

Mas mais esta Páscoa confinada nos pode levar a pensar. Se o centro teológico da Páscoa cristã é o sacrifício que permite uma nova Era, então hoje estamos, de facto, a oferecer o que tradicionalmente tínhamos para algo de maior e de futuro. Não é uma Salvação teológica, escatológica, mas é a salvação de uma espécie e de muitos milhares dos seus membros o que esta renúncia implica.

Para “Toda a Espécie”

A Páscoa é oferta, sim. E nesta, renunciando, oferecemos o que dantes se fazia, esperando que o retornemos a fazer em anos vindouros.

Gaia, para lá de nós

A mitologia grega sempre apaixonou cientistas e intelectuais. O nosso mundo está recheado de alusões a esse universo que é para nós um continente matricial de materiais e, sobretudo, de construção de palavras e conceitos novos. Uma ideia que inclua alguma rutura paradigmática fica muito mais sexy se surgir com um nome grego. Se for um deus, melhor ainda.

Nas correntes New Age, robustecidas pelo Maio68, a ideia de uma Mãe-Natureza guardiã do planeta arregimentou muitos adeptos, tendo ganho espaço em inúmeros fóruns usando o nome Gaia.

Mas a teoria Gaia é muito mais que uma visão romântica afastada da investigação e da racionalidade. Criada em 1972 por James E. Lovelock como "Hipótese de resposta da Terra", William Golding trabalhou o rótulo da ideia, nascendo a Hipótese ou Teoria de Gaia.

Hoje, já com muita ciência feita que nos mostra como tudo está interligado e interdependente, uma capacidade de resposta do planeta não nos espanta assim tanto. Temos, mesmo, um certo sentimento de culpa que nos leva a achar essa ideia como que uma consciência acima de nós que nos impedirá de dar cabo do planeta. Descansa-nos, esta tese.

E não que tenhamos necessidade de encontrar aqui mesmo alguém ou alguma entidade que nos castigue pela forma como gerimos o planeta que nos foi posto nas mãos pelos nossos antepassados, mas porque, no fundo, apesar de poucos de nós mudarmos de estilo de vida, todos o sabemos errado. Gaia surge como uma caixa de ressonância de uma consciência coletiva incapaz de agir.

A Terra funcionaria segundo padrões de equilíbrio dinâmico, compensando e reagindo às agressões através de alterações equivalentes. E, o mais certo, é que esta teoria tenha mesmo muito de verdade. Mas hoje, em certos meios, faz-se quase um vivenciar religioso de Gaia.

Criada, surgida, do Caos, a Gaia da mitologia grega é a mãe de um sem número de entidades que potenciam, elas mesmas, a continuação da Criação: o Céu, o Mar, as Montanhas... é como que a entidade informe, aquosa, da qual o Deus do Génesis Bíblico cria a natureza.

Gaia é potência criadora. Gaia é “ação”, é reação, é o criar como resposta ao destruir. Sim, Gaia, a Terra, pode ser o equilíbrio, mas hoje a Terra tem tudo para reagir contra nós. Personificada nessa entidade grega, hoje vemos em Gaia a hipótese apocalíptica.

E esse é o drama das linhas de pensamento que atualmente se encontram, com muito sucesso em termos de aderentes, no conceito Gaia. Para além de verem o universo dos cataclismos com um certo prazer de quem comprova a vitória da sua tese, remetem o correr da História

Para “Toda a Espécie”

para um fim iminente, para um verdadeiro fim dos tempos, um quase juízo final de pendor moralizante.

Se ontem o aquecimento global já fazia fervilhar de novos adeptos os grupos que cultuam Gaia, hoje com o Covid19 tudo passou para um novo nível nessa luta.

A última coisa que necessitamos é de uma leitura moral em cima da desgraça que se abateu sobre a nossa espécie. É brutalmente fácil criar um bode-expiatório, demonizar e explicar o mundo com uma lógica simples. Não será assim tão simples.

Em busca de sentido para o silêncio

Há uns anos realizei um dos meus sonhos enquanto vivenciador de intensidades da forma de vida humana. Fui a uma procissão das velas em Fátima numa noite de 12 de maio. Repeti a experiência no ano em que o Papa Francisco visitou o santuário e eu estive residente a comentar o momento para a SIC.

É único estar naquele mar de gente, a quantidade de velas, os rostos de devoção. É ali, entre outros grandes locais de peregrinação do mundo, que percebemos a dimensão de comunidade da religião, de partilha e de irmandade.

Mas este ano vai ser diferente e, para já a Páscoa já o foi, e muito. Outro dos meus sonhos é passar a Semana Santa em Sevilha e assistir às procissões, ver toda a herança de práticas de flagelação que ali ressurgem como uma cápsula do tempo. Já não se flagela, pelo menos em público. Mas vivi a intensidade dessa vontade individual e coletiva quando assisti à prática de flagelação na Mesquita xiita de Ruqayyah (filha mais nova de Ali), em Damasco – não se fica igual depois de certas experiências.

Mas hoje o silêncio sobrepôs-se aos ritos de grandes massas, de cantares e de dores expressadas de forma estridente. Que vazio nos trouxe esta Páscoa? Enquanto uns tentavam ocupar o espaço deixado livre das procissões com carro a percorrer as ruas com orações ditas a megafone, o Papa orava numa Praça de S. Pedro imensa de vazio, imensa e preche de silêncio.

Entre uns e outros está a necessidade de responder a esse grande desafio. Mas as respostas são, quase sempre, as de ocupar esse espaço vazio. Mais uma vez parece que estamos sem saber como ir às nossas próprias tradições respigar umas quantas sementes para lançar na terra que hoje está fértil.

Falamos tanto em *mindfulness*, em trabalhar a atenção, criar foco e gerir o silêncio. O oriente tem sido o nosso grande supermercado de espiritualidade e parece que apenas ficamos espantados ao ver Fátima deserta no dia 13 de maio. Sim, merece espanto, mas merece muito mais da nossa capacidade de equacionar. Não de dar respostas, mas de fazer equações e imaginar variáveis.

Algumas tradições iniciáticas ainda cultivam a “sabedoria do silêncio”, tal como o fazem, com algumas variáveis, os trapistas, os cartuxos e os carmelitas. Mas o silêncio ecoa forte nas nossas necessidades intuitivas de ocupar o vazio, esquecendo que o vazio é o campo mais fértil, ou para se preencher com o primeiro som que vier ao ouvido, ou para ser trabalhado e ser preenchido por belas melodias.

Para “Toda a Espécie”

Não, a resposta que Francisco procura numa Praça de S. Pedro vazia não é apenas o desejo de a voltar a ter cheia. Vai tê-la, não tenhamos dúvidas. O puro e pleno desejo é o de transmitir a beleza e o sentido transcendental dessa ausência de frenético movimento.

A maior dificuldade que espiritualmente o confinamento nos trouxe é a incapacidade que temos em estar sozinhos no confronto direto com o nosso interior. Como seria, cada um de nós, estar no centro do santuário de Fátima, à noite, sozinho? Ou na Praça de S. Pedro? Ou em casa, junto a uma janela a ver a paisagem, lá fora, livre de nós.

Cada um fora da paisagem; fora do ruído; fora das distrações.

Dentro de si.

À espera do desejo de mudança...

Uma viagem rápida pelas redes sociais leva-nos a uma constatação quase imediata: há um sentir transversal que afirma que nada ficará como antes após esta pandemia. Eu próprio já escrevi sobre o assunto, seja no que respeita ao ensino, onde o ensino à distância está a ter a sua oportunidade para desfazer os preconceitos que conta si existiam, quer no campo da saúde, o mais óbvio de todos.

Mas esse sentir alcandorado na mudança não se refere a uma mudança setorial. É um sentir de mudança geral, de fim de ciclo, de fim de paradigma social e político. Muitos falam em mudanças muito profundas, começando pelas ecológicas, pela relação com a natureza, mas também na ideia de progresso, de crescimento económico, de capitalismo e mesmo de democracia. Quando não sabem muito bem o que dizer, diz-se, simplesmente, com o tom de fatalidade inevitável, “nada vai ficar como dantes”, sem se imaginar o que isso significa.

E não se sabe o que significa porque se está numa narrativa que nada tem de racional. Está-se no campo dos desejos, num campo próximo ao de uma adesão à pandemia como um castigo, uma reação na natureza ou mesmo transcendente (veja-se aqui o nosso texto “Gaia, para lá de nós”). A mudança é um desejo; desejamos ver mudança em qualquer evento que abane uma sociedade que representamos de forma negativa.

Também após os 11 de setembro de 2001 todos dissemos que o mundo não iria ser o mesmo. Os vaticínios de fim de uma Era também correram os mesmos caminhos depois da crise financeira de 2008. E o resultado foi um rotundo não à mudança. Tal como Thomas Kuhn tão bem defendeu, uma mudança de paradigma só tem lugar quando o anterior estiver completamente esgotado. Até lá, o modelo que agoniza irá fazer tudo para se manter vigente.

Não sei se o nosso modelo de sociedade está moribundo ou perto disso. Sei que tem muitas margens perdidas na sua voragem, muitas falhas e muitos sonhos por cumprir. Mas também sei nunca a nossa espécie desenvolveu uma sociedade como a nossa. Apesar de todas as falhas, nunca fomos tão humanos, tão desenvolvidos, tão capazes de fazer frente aos males que nos assolam.

Talvez por isso, por exigência de ir ainda mais longe, temos o desejo de mudança, criando uma perceção desfasada da realidade. Desejamos que algo mude, mas sabemos que pouco mudará no sistema. O desejo de mudança é um grito que ecoará por pouco

Para “Toda a Espécie”

tempo até se regressar a uma normalidade que vai ser, naturalmente, muito semelhante à anterior.

Muitos de nós terão as suas vidas muito complicadas com a crise económica mais que certa. Mas o sistema manter-se-á no seu essencial.

Afinal, a máxima “vai ficar tudo bem” diz exactamente que queremos regressar ao que era antes.

Decameron, o humano obrigatório

“E a peste ganhou maior força porque dos doentes passava aos sãos que com eles conviviam, de modo nada diferente do que faz o fogo com as coisas secas ou engorduradas que lhe estejam muito próximas. E mais ainda avançou o mal: pois não só falar e conviver com os doentes causava a doença nos sãos ou os levava igualmente à morte, como também as roupas ou quaisquer outras coisas que tivessem sido tocadas ou usadas pelos doentes pareciam transmitir a referida enfermidade a quem as tocasse.”

Boccaccio, *Decameron* (1348 e 1353)

Muito já a espécie humana viveu de lutas contra pandemias. Longa seria essa história com momentos de gravíssimas crises, com mortandades incontáveis, com sofrimentos indescritíveis. Uma das mais graves e que maiores marcas deixou no nosso imaginário foi a chamada Peste Negra, que teve o seu momento máximo no século XIV, tendo sido erradicada apenas no séc. XIX.

É a essa pandemia que hoje quero regressar através de uma das maiores obras da literatura, o *Decameron* de Boccaccio. Nunca como hoje se tornou tão atual ler este clássico que nos descreve a própria peste, a forma como ela grassava e, acima de tudo, as múltiplas respostas dadas pelas populações atacadas.

Uns retiravam-se para um verdadeiro exílio, procurando numa vida virtuosa e sem pecado sobreviver ao contágio, enquanto outros afirmavam que era pelo quebrar dos limites morais que se conseguiria sobreviver. Uns e outros buscavam loucamente a sobrevivência nos limites do humano.

É nesse ambiente, propício a místicas de intensidades imediatas, onde procissões e orações se repetiam, que Boccaccio nos dá um quadro de um grupo de dez jovens, sete damas, “formosas e dotadas de bons costumes e elevada dignidade”, e três cavalheiros, “bastante agradáveis e [também] de bons costumes”, que nos narram cem contos.

“Que fazemos aqui? Que esperamos? Que sonhamos?” questiona Pampineia, uma das sete donzelas, logo no arranque do debate. É esta a tónica das narrativas que cada um irá fazer ao longo do tempo, sempre em busca da natureza humana, dos amores, das paixões e dos valores, mas também dos ódios e mesquinhices, das traições e invejas.

É o regresso que hoje nos faz falta, entre tanta informação que temos. Urge, em cada ser que somos, ir a fundo nas questões existenciais a que este confronto com a morte nos obriga.

Para “Toda a Espécie”

Um confronto que é com o estabelecido, com o que julgamos acertado e mesmo adquirido, com o que julgamos ser o humano e os valores pelos quais nos regemos.

Basta seguir Boccaccio:

“... como o é a dolorosa lembrança da última peste, com que ela se inicia, para todos os que a viram ou que de algum outro modo souberam de seus estragos. Mas não quero que isso as assuste e impeça de prosseguir, como se, lendo, houvessem de estar sempre entre suspiros e lágrimas. Este horripilante início não deve ser diferente do que é para o caminhante a montanha acidentada e íngreme, atrás da qual se encontra uma planície belíssima e amena, que lhe parecerá tanto mais agradável quanto maior tiver sido o padecimento da subida e da descida. E, assim como os confins da alegria são ocupados pela dor, as misérias têm seus limites no contentamento que sobrevém.

A este breve aborrecimento (digo breve porque contido em poucas linhas) seguem-se logo o deleite e o prazer já prometidos, que talvez não fossem esperados de tal início, caso isto não fosse dito. Na verdade, se me tivesse sido possível levá-las convenientemente àquilo que desejo por outro caminho, e não por esta senda tão árdua, eu o teria feito de bom grado: mas como, sem esta lembrança, não seria possível explicar por qual razão ocorreram as coisas que a seguir serão lidas, disponho-me a descrevê-las como que impelido pela necessidade.

Digo, pois, que os anos da frutífera encarnação do Filho de Deus já haviam chegado ao número 1348 quando, na insigne cidade de Florença, a mais bela de todas as da Itália, ocorreu uma peste mortífera, que – fosse ela fruto da ação dos corpos celestes, fosse ela enviada aos mortais pela justa ira de Deus para correção de nossas obras iníquas – começara alguns anos antes no lado oriental, ceifando a vida de incontável número de pessoas, e, sem se deter, continuou avançando de um lugar a outro até se estender desgraçadamente em direção ao ocidente.

E, de nada havendo servido os saberes e as providências humanas, como a limpeza das imundícies da cidade por funcionários encarregados de tais coisas, a proibição de entrada dos doentes e os muitos conselhos dados para a conservação da salubridade, e tampouco encontrando efeito as humildes súplicas feitas a Deus pelos devotos, não uma vez, mas muitas, em procissões e de outros modos, era já quase início da primavera do ano acima quando começaram a manifestar-se de maneira prodigiosa seus horríveis e dolorosos efeitos.”

Há muitas edições *online*, livres de qualquer custo.

Basta ler.

A instalação do medo

“Dois homens batem à porta. «Bom dia, minha senhora, viemos para instalar o medo. E, vai ver, é uma categoria».”

Rui Zink, *A Instalação do Medo*, 2012.

O medo é uma categoria que se espalha pela nossa sociedade exatamente na proporção oposta à percepção de segurança. Quanto mais inseguros nos sentimos, mais medo temos. O único problema, na aplicação prática à nossa sociedade, é que temos uma percepção completamente oposta à realidade: sentimos uma sociedade violenta quando temos um dos níveis mais baixos de violência de todo o globo.

O texto de Rui Zink, leitura mais que recomendável por estes dias, é avassalador como nos coloca, de forma por vezes quase ridícula, perante o modo como aceitámos as mecânicas de construção do medo. O “instalador do medo” surge em casa como um qualquer técnico de TV ou de telecomunicações que nos vai instalar um serviço generalizado. É desconcertante, mas é o perfeito retrato do que somos.

As liberdades individuais há algum tempo que foram sacrificadas em nome da suposta segurança. Vemos bairros inteiros a pedir aos municípios a instalação de videovigilância, pululam as *apps* que vivem da georreferenciação como uma das faces mais importantes do produto que vendem. No final, quase todos temos telemóveis que permitem uma total radiografia ao que fazemos e que reúnem dados para um retrato de hábitos de consumo, de comportamentos, etc.

Não seria de estranhar o passo que hoje temos à nossa frente. Se na Idade Média os leprosos tinham de se fazer anunciar por um sino que permitia que todos se afastassem, hoje queremos saber quem está infetado para nos “protegermos”. Nada melhor que uma *app* nos telemóveis, dando-nos, em tempo real, a aproximação de algum infetado. Tudo em nome da segurança de cada um de nós e do coletivo.

Mas há quem pense mais à frente e avance com propostas caninas, dizendo que poderíamos, até, usar um pequeno chip como os animais domésticos que desse às autoridades a capacidade de ver se os infetados quebram as medidas de confinamento. Nada mais acertado! Orwell coraria na sua imaginação perante a nossa realidade!

O chamado “*contact tracing*”, supostamente usado com muita eficácia na China e em Singapura permite reconstruir os passos de cada pessoa, identificando com uma maior eficácia os possíveis elos de contágio. Tudo parece estar certo e perfeito, mas nada regular....

Para “Toda a Espécie”

Não é que não devamos dar uma luta sem tréguas a este e a outros vírus que nos assolam. Mas temos de colocar limites éticos a este cavalgar assombroso rumo ao controle total das nossas vidas. Hoje é numa situação de pandemia, e parece-nos um sacrifício aceitável, amanhã é no dia-a-dia, porque já estamos habituados e pode ser sempre de alguma utilidade num caso de rapto, violação, etc.

Felizmente, os nossos líderes políticos e nosso Tribunal Constitucional parecem ainda ter os ditos valores bem estruturados nas suas mentes, desmentindo estes passos tremendos. Mas o mais dramático é que, tal como nas questões de videovigilância, vamos acabar por ser nós a pedir para ter um *chip* no pescoço que permite, numa central algures, saber exatamente a que horas fomos fazer chichi, e tudo o resto.

Fez-se política: o processo de “desconfinamento”

Todos ansiavam por este momento. Depois de semanas confinados, depois de semanas a sonhar com um pouco de movimento, com o regressar à normalidade, foi-se instalando o “clima” e... aconteceu!

Estamos oficialmente em processo de nos “desconfinarmos”. Não é de um dia para o outro, mas será longo e gradual esse processo. E como se desejava o arranque deste processo, mesmo que para muitos seja o manter exatamente de tudo o que até agora se fazia ou, melhor, se não fazia. Mentalmente, está passada uma barreira mental.

Mas as alterações trazidas na última “proclamação” do Estado de Emergência residem, acima de tudo, dois aspetos nada pequenos. Por um lado, há que regressar à economia, começando a produzir, antes que os efeitos da paragem sejam piores que os da pandemia em si. Com umas poucas semanas de distância, é o assumir, contra todos os discursos feitos no auge do pânico, que teremos de conviver com a doença para salvar a economia.

Isto é, também, o assumir por parte do Estado da sua incapacidade para tapar os buracos da crise, leia-se déficit, para lá do que já hoje se vislumbra como inevitável. Sim, vai morrer gente porque não vamos parar completamente.... Sim, no equilíbrio entre o confinar e o abrir, na definição do melhor momento para minorar os riscos, temos de afirmar que, sim, uma vida tem um preço: o individual terá um “preço” perante a opção pelo coletivo.

Por outro lado, o regresso a uma normalidade difusa que terá um certo sabor à normalidade antiga é também o assumir dos limites da espécie humana, gregária e sociável nos mais pequenos pormenores da vida. De namorados separados a famílias que não se visitam, o isolamento cria um eremitismo para o qual a larga maioria de nós não está vocacionado nem tem, sequer, as ferramentas para com ele dialogar e, assim, sobreviver são durante umas semanas.

A pouco e pouco, teremos um regresso de algum comércio, de passeios mais alargados e até de alguns eventos culturais. Voltaremos a ir ao local de trabalho e regressaremos às esplanadas, para além de se replanificarem férias, assunto para o qual já fomos “convocados” a fazer “cá dentro”.

É o processo que se aguarda e que é, ele sim, normal porque esperado. A normalidade que vamos ter continuará a ser anormal, mas o processo é o que era desejado, é o que era inevitável, é a afirmação daquilo para que serve a política: decidir os principais de mudança.

A partir deste momento, há um grupo de políticos que, finalmente, afirmaram aquilo para que foram eleitos: decidir. E é uma decisão arriscada, das mais arriscadas das suas vidas, e muito mais arriscada que qualquer decisão que cada um de nós alguma vez venha a tomar.

Para “Toda a Espécie”

Será brutalmente fácil dizer que foi tardia a decisão, pegando nos argumentos de quem perdeu já os seus empregos e de quem vê a economia a afundar-se, criando desemprego e instabilidade social. Será, também, de uma facilidade tremenda dizer que foi prematura esta abertura à luz dos pequenos surtos que ainda vão surgir, à luz dos mortos que muitos dirão que poderiam ter sido evitados com a manutenção de todos em casa.

Mas é este o preço que paga quem decide e tem de, num certo momento, ter coragem para decidir. E o sistema representativo é isso mesmo, o passar da capacidade de decisão para um grupo de representantes que receberam a sua legitimidade pelo voto.

Essa passagem de responsabilidade que é o centro dos regimes representativos acontece por facilidade nos processos decisórios e, convenhamos, porque a assembleia representativa é imagem do todo coletivo. E é por estas razões que ela decide em nome do todos, assumindo o ónus da responsabilidade, libertando-nos.

Pensei muitas vezes como se sairia desta situação de confinamento. Fez-se da melhor forma, com decisão ponderada, mas não adiada; ouviram-se os especialistas, mas os políticos tiveram a coragem de decidir; ganhou a eficácia dos gestos, e não a hesitação.

Fez-se política nesta decisão. Reforçou-se a democracia.

Os Excluídos da Recuperação

Há umas semanas, alguns textos circularam a falar da ironia do Covid19 ser o vírus dos ricos. Atacava os grandes centros urbanos dos países mais industrializados e desenvolvidos. Mais, atacava quem fazia deslocações internacionais frequentes. Era um vírus que parecia ter um foco seletivo.

Mas, se os dados davam para fazer esta trajetória no início da pandemia, rapidamente se percebeu que era apenas uma questão de “oportunidade”. Assim que pôde passar para quem não viajava e para os países mais pobres, não houve barreira ética ou moral que o vírus autoimpusesse. Hoje o vírus é democrático naquilo que a democracia tem de pior: chega a todos, mas nem todos têm a mesma capacidade para lidar com ele.

E o mesmo já se está a passar com as repercussões. Como seria natural de perspetivar, foram exatamente os que viajam menos que demograficamente foram mais afetados pela doença, os idosos, por exemplo. Mas pior, foram também os que viajam menos, porque não têm meios para o fazer, que hoje estão desempregados ou em risco de ficar sem sustento no tempo mais próximo.

É de uma ironia tremenda este vírus na sua forma de atuar socialmente. Expande-se através das ferramentas da globalização, mas ataca quem está isolado nos lares de terceira idade. Chega em primeiro lugar, parecendo seletivo, aos países europeus e aos EUA, mas não conseguimos imaginar os danos que irá causar em África ou na América do Sul.

Agora, já a pensar no *day after*, equacionamos programas de apoio ao comércio, à indústria, à cultura. Mas como todas as gigantescas medidas, estas vão pecar por se dirigirem às estruturas mais significativas e deixar de fora muitos que já antes se encontravam nas margens do sistema, em empregos e tarefas que passam hoje ao largo dos apoios – as empregadas domésticas são um exemplo gravíssimo em que muitas viviam em absoluto modelo de “economia paralela”, não podendo hoje entrar no sistema de apoios.

Tal como este caso, muitos outros a nossa economia tem, dentro do que dantes se diziam serem os biscates. Todo este universo, já frágil antes da pandemia, está hoje numa situação de exclusão iminente. Teremos um largo grupo de excluídos irremediáveis no processo de retoma.

Tal como teremos um largo grupo de desempregados que, embora antes tivessem situações fiscais perfeitamente definidas e legais, hoje irão entrar num processo de recuperação que será longo. Talvez longo demais para os seus agregados familiares.

Ser solidário vai ser uma atitude que nos vai ser pedida durante muito tempo.

E teremos de o ser.

Regresso ao Sagrado

Com o anunciar de um possível fim próximo de algumas das medidas de confinamento, a prática religiosa surgiu como um tema importante. Há semanas que os crentes não vão às igrejas. Apesar de um ou outro caso mais relutante no ambiente neopentecostal, com franca influência brasileira nas suas lideranças, o universo das religiões em Portugal deu o exemplo ao encerrar cultos e ao prevenir toda a aglomeração que pudesse potenciar o alastrar da pandemia de Covid19 – grande parte delas anteciparam as medidas do Estado de Emergência.

Nunca são demais as palavras para reconhecer o esforço feito pelas confissões religiosas, começando pela maioritária, a Igreja Católica, passando por tantas outras que de imediato sobrepuseram o acatar das diretivas da DGS e a proteção dos cidadãos, a uma leitura que lhes seria muito fácil e cativaria muita gente, de antagonismo face ao mundo, demonizando-o e lendo na pandemia um castigo divino. A maturidade cidadã demonstrada foi um exemplo digno de louvor.

Mas hoje, depois do Primeiro Ministro ter recebido o Cardeal Patriarca de Lisboa para falarem sobre a reabertura dos templos ao culto, merece a pena centrar o nosso olhar de forma mais profunda nesta questão.

O regressar ao espaço sagrado, aos templos, realizando o culto e participando nos ritos, é uma dimensão essencial na cosmovisão de muitos nossos concidadãos. Esta dimensão sagrada do quotidiano é a essência da “prática” religiosa, da afirmação da pertença através do estar e do ser parte oficiante do culto. Contrariamente ao que se diz, “ir à missa” não é simplesmente “estar” no local onde um Padre oficia a dita missa; não, “ir à missa” é participar do ritual sagrado e ser, em grande medida, também oficiante ao estar em assembleia com os restantes “irmãos”.

E esta dimensão de participação religiosa, que alimenta espiritualmente o crente é, de facto, fundamental numa sociedade que tem uma herança de largos milhares de anos de vivência ritualizada da espiritualidade. E falo, naturalmente, na ritualidade que tem o cristianismo católico, mas também o evangélico, a reunião em congregação islâmica, o *shabbat* judaico ou, até, a reunião em loja dos maçons.

Este regresso ao espaço do sagrado vai ser gradual e vai implicar uma larga definição de regras que as instituições religiosas terão de cumprir. Ontem, o Observatório para a Liberdade Religiosa, sediado na Universidade Lusófona, lembrava a importância do trabalho colaborativo que esta abertura necessariamente implica. Uma colaboração entre religiões que deverão trocar saberes e experiências, mas também entre elas e os vários setores do Estado.

Para “Toda a Espécie”

Só com um trabalho de respeito para com a Liberdade Religiosa, mas também de respeito para com a integridade e a saúde de cada um, será positivo e de futuro. Seria de uma dramaticidade tremenda a necessidade de um futuro segundo confinamento devido a uma indevida gestão deste processo.

O Ramadão do Covid19

Depois de há poucas semanas o mundo cristão ter vivido a Páscoa e os judeus a Pessach, amanhã os muçulmanos entram no Ramadão, dando início a um mês inteiro de jejum. Sendo o quarto dos Pilares do Islão, o Ramadão tem exatamente o nome do nono mês do calendário islâmico – face ao Calendário Gregoriano, todos os anos o Ramadão se "adianta" em virtude de seguir o ciclo lunar.

Este é o mês mais sagrado do Islão, dedicado à prática intensa da oração, do recolhimento, da constante lembrança da dedicação da vida a Deus. O jejum prescrito é para ser cumprido, integralmente, desde a aurora até à noite, estando interdito o consumo de comida e de bebida (salvo por razões de saúde), de fumar e de ter relações sexuais. Apenas em condições de fragilidade se está dispensado destas obrigações.

Para o crente, o sentido profundo do Jejum do Ramadão é o de um testemunho de gratidão para com Deus, e constitui ocasião para uma peregrinação interior. Jejuar é, num entendimento académico tradicional, um misto de expiação, através de uma purificação, e de dedicação, através da renúncia. Mas o jejuar, poucas vezes ocupa um tempo tão imenso como no Ramadão. Pela dimensão continuada deste sacrifício coletivo, o Ramadão é também um instrumento de irmandade, de fraternidade, de comunhão numa mesma natureza, o ser muçulmano.

Numa sociedade laicizada, estamos, grande parte de nós, longe do significado de uma pertença religiosa que se viva com a intensidade com que se vive o Ramadão. Os sacrifícios coletivos fazem sentido exatamente no campo da fraternidade, no que coloca todos os indivíduos num patamar de cidadania religiosa: irmãos perante uma ideia e prática de divino. O Ramadão é a afirmação interior, familiar e pública da condição de muçulmano. Fraternalmente muçulmano, não individualmente religioso do Islão.

Contudo, como será vivido este Ramadão em contexto de confinamento? Este marco no calendário é um misto de recusa ao individual e afirmação do coletivo. Ora, como se vai viver, em termos de fé, um não-coletivo?

Todos os fins de tarde, em comunidade, o muçulmano deveria quebrar o jejum; não o vai fazer. Em casa, à noite, a refeição deveria ser alargada, acolhendo, mesmo, os que não podem ter fartura na sua mesa; novamente, isto não vai acontecer. Por fim, as orações comunitárias, tão importantes neste mês, não poderão ter lugar, com mesquitas encerradas e sem a oportunidade de orar, ombro com ombro, como dita o dever de ser irmão na fé.

E esta equação tem a atualidade de uma religião, mas também é válida para todas as outras. A vivência faz-se no coletivo. Seja a religiosa ou, até, a profissional. Enviamos trabalho por email, reunimos pelo Zoom, mas não “estamos”. É interessante que em algumas línguas esta pequena nuance ganha ainda mais sentido. No inglês, o “ser” e o “estar” recorrem ao mesmo verbo, *to be*. No limite, podemos “ser” sem “Estar”? O material define, em muito o ser.

Para “Toda a Espécie”

Neste Ramadão, os muçulmanos não vão “estar” em comunidade, não vão quebrar o jejum em festa coletiva. Vão “ser” muçulmanos sem “estar” em congregação, tal como os cristãos, na Páscoa, não o foram em comunidade, na *ecclesia*, a assembleia.

Também a noção de Religião tem de se adaptar e fugir ao literalismo dos textos sagrados. “*Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles*” (Mateus 18:20). E se estiverem confinados, Jesus não estará no meio deles?

Prazeres por senha

Parece que será esta a imagem que daqui a algumas semanas poderemos aplicar à vivência em desconfinamento que teremos de construir nos próximos meses. Lugares numerados nos espetáculos, lotações muito bem definidas, distâncias garantidas e, até, cabeleireiros por marcação. A praia não deve fugir a uma regra de lotação, para além de se reger a ida ao areal por um afastamento que negará qualquer contacto dos corpos.

Para além do que esta lotação nos espaços de cultura implica de redução de vivência, esta realidade vai ainda implicar uma retoma muito lenta de uma variedade imensa de negócios, uns mais sazonais que outros, que precisavam da “enchente”, fosse da praia ou do espetáculo, para serem rentáveis.

Mas o dado fundamental vai residir na noção de libertação que damos à fruição, ao prazer. Esta, a ideia quase inconsciente que temos de liberdade associada ao lazer e ao ócio, é que vai receber um duro golpe. Ir à praia vai voltar a ter, como no início do século XX, um valor terapêutico, de higiene, longe das lógicas do encontro de amigos, turmas e turbas de gente que via no areal um tempo fora dos constrangimentos sociais.

É claro que este meu discurso pode parecer catastrofista e nada fundamentado. Apenas por estes dias se começa a falar nestas possíveis e futuras restrições, mas nada há ainda de concreto. Mas é quase certa a implementação de medidas que nos vão obrigar a vivenciar a cultura, o lazer, o espetáculo com normas de afastamento corporal e com hora e data muito bem definida. O espontâneo precisará de ser planificado.

Mas, no limite, poderemos ter senhas de racionamento de praia que permita que portadores de certas doenças possam ir para lugares reservados? Poderemos ter quotas de entrada para algumas minorias, ou maiorias?... que desigualdades se vão criar com base em discriminações que podem surgir tão facilmente como através do falsear entradas nas praias? E que arbitrariedades terão lugar?

O encontro fortuito, o choque acidental numa corrida para a água que resulta num olhar *blasé* que de indiferente nada tem e que dá fogo a uma paixão inesperada. Onde fica o espaço mental do não planificado, da nesga de responsabilidade que tem o acaso?

Conheceremos menos pessoas, seremos menos abertos à diferença, fechados em tribos ou famílias muito mais pequenas e restritivas. Olharemos um grupo que se toca como um bando de irresponsáveis e mesmo um encontro entre dois amantes nada poderá ter de casual.

O *flirt* terá de ser programado e gerido através de uma senha “tipo talho” que nos gere as oportunidades de “sair da caixa”? No ridículo inimaginável, teremos cédulas de namoro que ressalvem a possibilidade do beijo em público?

Morrer ausente

Aguardava que isto acontecesse a qualquer momento. Hoje, ao abrir um email, sou informado da morte da mãe de uma amiga muito especial. Era natural que viesse a acontecer. Mas custou ler a descrição, o contexto narrado.

Talvez o maior dano que a sociedade está a sofrer com esta pandemia se encontre no confinamento em si, na impossibilidade de estar perto, de tocar, de estar ao lado. Tenho escrito sobre essa dimensão a vários níveis, especialmente o religioso. Mas é no campo da vida de cada um, naquilo que ela tem de único e intransmissível que tudo é mais dramático.

Posso entender, ao ver uma notícia na televisão, que os funerais não possam ser o momento de ajuntamentos. Mas ver partir um pai ou uma mãe sem poder fazer uma despedida, sem ver o rosto há largos dias porque a pessoa doente estava internada... é brutal.

Não há como fazer luto, não há como encontrar um consolo. É solidão plena, até na morte. Uma solidão que não encontra nos rituais um espaço sagrado, nem cria um momento de intensidade derradeira com uma despedida. É uma morte fria, inconsolada e impotente em tudo.

Já há uma ou duas semanas falara longamente com um amigo que vive em Portugal e tem os pais, idosos, em Itália. Não os pode, sequer, ir visitar. Possivelmente, desde o Natal que os não vê, cara a cara. É uma distância virulenta na incapacidade de reagir. É o máximo da impotência.

Nesse caso, a conversa desaguou na perspetiva, mesmo que remota e nada desejada, da “partida” dos pais. Com as fronteiras fechadas, seria impossível ir a Itália se algo de complicado acontecesse. Era o exílio na morte.

Para esta minha amiga foi-o. Não o exílio por estar longe, mas o exílio por uma morte que, longe de poder ser vivida no abraço e no gesto que estes momentos implicam, se transformou num exílio de sentimento. Num não saber viver aquilo para que não temos, nem códigos, nem reações instintivas definidas.

Que fazer com a morte nestas circunstâncias? A única solução seria a suspensão, como Saramago num brilhante texto um dia imaginou. Mas não é possível. Afinal, a morte é o alimento deste monstro que nos deixa sem movimento, isolados e sozinhos.

A Vitória do Senso Comum

No final do século XIX, as Exposições Universais marcavam de forma quase ideológica a vitória da ciência e da tecnologia. Eram avassaladoras as descobertas científicas e as capacidades técnicas levadas a limites inimagináveis. À sombra da Torre Eiffel, mostravam-se orgulhosamente as últimas descobertas, as mais importantes invenções.

O século XX apenas veio confirmar este ritmo e esta eficácia incessante de invenções, de novas tecnologias. A Medicina foi, entre outros, um campo, não apenas de grandes inovações, como o de maiores e mais democráticas aplicações. Quem disto tenha alguma dúvida que seja, basta olhar rapidamente para uma lista das principais descobertas médicas do século XX. No limite, para muitos de nós, basta atentar para a nossa própria história de vida e perceber, humildemente, que não estaríamos vivos sem ela.

Mas esta evidência que nos parece tão natural, está a viver tempos de duros golpes. E recebeu exatamente através da dimensão da evidência, do senso comum. Contudo, há claramente dois universos onde esta questão se joga de forma bastante diferente: os EUA e a Europa.

Desde que trabalho em Ciência das Religiões que a lógica de argumentação religiosa se tornou num dos meus campos de trabalho mais inquietante. Como se construiu, por exemplo, uma narrativa anti ciência nos meios evangélicos norte americanos? Mais, se é hipoteticamente mais fácil perceber como esta narrativa vingou nos meios menos escolarizados do Brasil, essa não parece ser, num primeiro momento, a justificação para que esse fenómeno se tenha enraizado tão fortemente nos EUA.

De facto, desde o século XIX que setores politicamente muito fortes nos EUA são em absoluto contra o pensamento científico e contra uma sociedade cada vez mais liberalizada. Alguns dos movimentos religiosos que nasceram com essa narrativa fizeram uma evolução muitíssimo grande e hoje não defendem nem incutem essas visões radicais. Mas muitos exacerbaram essa postura nas últimas cinco dezenas de anos, criando, por exemplo, um fortíssimo movimento defensor do criacionismo, negando por completo o evolucionismo.

Mais que muitos milhões de norte americanos terem crescido a ouvir dizer que o criacionismo é que é correto, ouviram-no em meio escolar, colocado lado a lado com o evolucionismo, como se fosse uma teoria científica de igual valor e natureza.

Parece que parte da sociedade perdeu a capacidade da dúvida metódica e sistemática, tomando o senso comum como saber. Muito pior que ter alguém, por mais que seja o Presidente dos EUA, a proferir afirmações que podem fazer crer que a desinfeção interna do corpo é possível, é haver quem, ao ouvir esta barbaridade, a ache plausível e, imagine-se, o tenha tentado.

Para “Toda a Espécie”

O Grau Zero civilizacional foi atingido no seu âmago, naquilo que nos distingue: o conhecimento construído na dúvida e cimentado na experiência e na prova. Há uma larga fatia da população norte americana para quem o valor de uma afirmação de um especialista é igual ao de um rumor na internet. O Presidente eleito por essa mole de gente que despreza a cultura científica é, obviamente, como eles, mas com tempo de antena para difundir as suas alarvidades.

O descalabro é evidente e de estragos para várias gerações, começando pelo grande crescimento do movimento contra a vacinação, alavancado na afirmação da liberdade individual. Hoje, a fratura entre quem segue um pensamento cartesiano e quem segue uma neo-pré-modernidade, é evidente, imensa e cada vez mais inconciliável.

Felizmente, tudo me leva a crer que na Europa a civilização atingiu um ponto de não retorno no que respeita à valorização da ciência. Não só dificilmente veríamos um líder dizer tamanhas barbaridades, como ainda mais dificilmente alguém as tomaria como suficientemente credíveis para as tomar como boas.

Espero eu....

O vírus silenciador

Difícilmente poderíamos imaginar uma época, por pequena que fosse, sem uma longa secção de futebol nos blocos noticiosos. Também seria difícil imaginar que Kim Jong-un estivesse ausente do mundo durante semanas e apenas nestes últimos dias se acordasse para esse facto, questionando se estará vivo.

E entre estes dois tópicos, que nada de comum apresentam, temos um elo inesperado, o vírus. Ambos, futebol e ditador, foram silenciados pelo Covid19. E este silenciamento levou-nos a várias reflexões, por exemplo, sobre a natureza do que julgamos ser essencial para o nosso quotidiano, sobre o que pensamos serem as urgências e aquilo a que damos espaço de fama e glória no reino das nossas relevâncias.

De facto, temos passado muito bem sem notícias do ditador norte coreano e ainda melhor sem o esmagamento que o futebol fazia nas grelhas televisivas – e vai tornar a fazer... E esta saída destes e doutros campos de notícias do nosso quadro de urgências aconteceu, não porque eles tenham sido relegados para o seu natural lugar, mas porque uma verdadeira URGENCIA foi proclamada.

O vírus silenciou porque empurrou tudo o resto, das “gorduras” e ruído informativo, a notícias de fato importantes. É verdade que, no limite oposto, passámos a ter apenas notícias relacionadas com a Covid19 e mais nada, quando, convenhamos, o mundo não terminou nem as preocupações que deveriam ser notícia se eclipsaram.

Mas, alguns frutos acabamos por colher de tudo isto. Nunca os defensores do Serviço Nacional de Saúde esperaram que algum evento colocasse de forma tão central a obviedade da sua importância. Nunca o mundo neoliberal ansiou por ter um Estado intervencionista, como hoje.

Parece que, em certa medida, o vírus nos obrigou, apesar dos exageros noticiosos, a olhar para o essencial e a deixar “futebóis” para outras alturas. Afinal, com esta pandemia acabámos por perceber que uma coisa é o momento do futebol, outra é a da luta coletiva conta uma doença.

Esta primeira batalha, a da consciencialização da importância do Estado, está ganha. O Futebol esse voltará em breve. O ditador? Se do norte coreano se falar, continuaremos mais uns dias sem saber nada dele; Se for de outros, que esta crise tenha fortalecido a Europa para se afastar dos populismos que tão facilmente parecem grassar pelas massas que se inebriam com o futebol, esquecendo que o mundo à volta continua a rodar.

O novo ócio: praias sem areia

Naturalmente, hoje só pensamos no reatar das relações, dos ritmos, das idas aos espaços públicos. O longo confinamento fez de nós seres em metade, perdemos parte do que era nosso, do que era a nossa identidade, aquilo que se fazia fora de casa. Como desejo um cafezinho tomado no bar da minha universidade, a Lusófona! Faz-nos falta a dimensão ritual dos gestos.

Mas mais que os gestos livres de um dia-a-dia livre, pensamos já em férias. E a desejada retoma da economia implica que façamos férias. Mas que férias? Há pouco tive um vislumbre sobre a abertura das praias em Sidney; por um corredor, os banhistas podem ir até à água, mas não podem ficar na areia... regras que são impostas para a famosa e tão importante distância social.

E assim serão as férias: sem proximidades, com restaurantes com menos de metade das mesas, com espaços públicos fechados, com diversões reduzidas ao mínimo. Até com praias sem a possibilidade de nos reboarmos na areia.

Numa era em que tanto se tem falado em “inteligência emocional” e noutros conceitos mais ou menos similares, a pandemia leva-nos a um afastamento quase absoluto do toque. Dizem as estatísticas que os vários tipos de crime sofreram uma redução. Também sofreram semelhante redução os namoros que não tiveram início, os amantes que não se encontraram, as paixões que não foram vividas. E este decréscimo, ao contrário do crime, não é nada positivo.

Seremos assim neste Verão que se aproxima: veraneantes sem multidões, sem festas, sem discotecas, sem esplanadas a abarrotar, sem praias onde era difícil encontrar o metro quadrado para colocar a toalha.

Mas mais. Dificilmente iremos viajar “para fora”, com as companhias aéreas, ou falidas, ou ainda sem se terem adaptado ao novo mundo que já chegou. Viajaremos tão menos...

Será que o Skype, o Zoom, entre outras aplicações, nos vão ajudar a viajar? Sim, sem sair do nosso sofá... iremos a concertos através de uma qualquer realidade virtual? Teremos identidades fictícias para ir a um bar através de uns óculos que nos colocam na mesa que queremos, com a companhia que desejamos?

O ócio vai sofrer uma grande modificação nas nossas vidas e nos nossos imaginários.

Com praias sem areia, sobra-nos um género de praia apenas molhada, sem o refastelar languido da nossa veia reptiliana.

Sem aviões, sobra-nos o céu.

O Separar das Águas: Brasil e EUA vs Europa

Perante a tremenda imaginação que as televisões têm de ter para preencher grelha nos telejornais, a mim já só me interessa, pelas 13h, aquele pequeno bocadinho em que me confirmam que os novos casos em Portugal são na casa do 1%, ou abaixo! É o longo caminho para se sair do confinamento, a longa espera pelos números reveladores da eficácia das medidas de contenção.

Seguimos o caminho de outros países, como a Áustria, que já há alguns dias voltou a ter os seus cidadãos com o cabelo cortado e pintado, fruto da abertura dos cabeleireiros. Ainda não chegámos a esse momento, estamos quase, mas ainda nos dividimos, nas reuniões pelo Zoom, entre os gadelhudos e os que não resistiram e usaram o aparador de barbar para um corte de cabelo mais radical.

E os ditos telejornais hoje dividem o seu conteúdo em dois universos opostos. Por um lado, um grupo de países que vão retomando as atividades, fruto dos bons resultados de semanas de confinamento; e outro, como o Brasil e os EUA, a abrirem, mas sem os ditos números mágicos. São dois universos mentais totalmente antagónicos. Num, foi a ciência que esteve na base das decisões; noutra, foi o senso comum e a subalternização do conhecimento especializado.

Mas o drama que continuaremos a ver nesses países é muito grande. Abrir a sociedade, por razões económicas, antes de controlada a pandemia, apenas irá criar mais morte e medo. Os números nestes países são avassaladores e nada parece modificar as políticas dos dois Chefes de Estado, secundados e dando resposta a uma parte significativa da população que está com eles, que com eles é da mesma vontade, do mesmo egoísmo e da mesma irresponsabilidade.

São como que dois universos que já antes se pressentiam e que hoje nos surgem claramente distintos. Estas duas formas de viver a pandemia, mais que instrumentos de medição de situação civilizacional, são imagem da forma como se encara a realidade: um lado com realismo e pragmatismo, recorrendo a especialistas, o outro, com idealismo ingénuo, esperando que uma providência atue e proteja, tentando controlar os fluxos informativos e demonizando quem não concorda com essa visão.

Este quadro só é possível, seja de um lado, ou do outro, com base no mesmo elemento: um ensino generalizado e assente no método científico. A diferença é que, de um lado do Atlântico, com as diferenças inevitáveis entre países e culturas, esse sistema tornou-se regra e, hoje, toda a população compreendeu o que, e porque o fazer. Do outro, não; não apenas o ensino não é generalizado, como em parte significativa não é assente na valorização da ciência, mas sim da fé mais obscurantista e pré-moderna.

Para “Toda a Espécie”

Separaram-se as águas. Só falta que a União Europeia consiga usar esta desgraça para se fortalecer e tornar o projeto europeu, integrando as diferenças de cada cultura, mais sólido e ligado aos cidadãos.

«2020, com vírus»: o tempo na ponta dos dedos

Há mais de cem anos, Eça de Queiroz definiu assim a “crónica”:

A crónica é como que a conversa íntima, indolente, desleixada, do jornal com os que o lêem [...] A crónica é como estes rapazes que não têm morada sua e que vivem no quarto de seus amigos, que entram com um cheiro de primavera, alegres, folgazões, dançando, que nos abraçam, que nos empurram, que nos falam de tudo, que se apropriam do nosso papel, do nosso colarinho, da nossa navalha da barba, que nos maçam, que nos fatigam mesmo e, quando se vão embora, nos deixam cheios de saudades.

(“A crónica “, *Distrito de Évora*, nº1, 6 Jan 1867.)

Soube deste texto há muito pouco tempo, por intermédio da Carla Rodrigues Cardoso, Diretora da Licenciatura em Comunicação e Jornalismo na Universidade Lusófona, e desde o primeiro momento senti uma empatia muito grande com esta “definição”. Escrevo crónicas há mais de quinze anos e nunca soube porque o fazia. Por vezes havia uma mensagem política que quera transmitir, outras, simplesmente, apetecia-me... era um exercício com o seu quê de egoico, sim. Muitas vezes parece que escrevo para mim, para melhor vivenciar o meu quotidiano.

Já uma vez fizera um diário de viagem, publicado diariamente, mas nunca tinha embarcado numa aventura de escrever diariamente, com base num tema. A Visão aceitou a minha proposta e foram cinco semanas, até ao final do Estado de Emergência. Hoje é a última crónica desta série «2020, com vírus».

Tive a necessidade de fazer estes textos para me obrigar a pensar as grandes alterações mentais que esta nova forma de vida nos ia transmitir. Foi atenção, foi crítica, foi análise muito pessoal do que vi acontecer. Tornei-me espectador ainda mais atento e participativo.

Hoje, com o confinamento a começar a ser levantado, passadas cinco semanas, ao olhar para trás, tantas voltas se deram... tantas questões, tantos medos, tantas decisões difíceis, tanta alteração de hábitos. Foi um tempo único no que foi de prova.

Para mim, foi uma terapia da máxima importância, uma forma de entrar a fundo em questões que mexem comigo, que alteraram a minha forma de viver e de ver o mundo. Para os leitores, espero que tenham sido isso, *inserts* nas temáticas que se tornaram complexas, mas que também tenham correspondido a momentos de alguma fruição, de verdadeiro prazer e não apenas de inquietação. Para ser produtiva, a inquietação não pode apenas “inquietar”, tem de se transformar em prazer para ser verdadeiramente operativa.

Aliás, essa é a marca mais consciente que imprimo nas minhas crónicas: juntar, ao incómodo de querer fazer pensar, uma dose de ironia, de leveza e de estética.

Só assim me suportam e só assim acho que me suportam.

Obrigado!

Para um pós-Covid19: Um "Novo Normal" em construção no Ensino
(Web site da Un. Lusófona)

Neste momento, já ninguém arrisca afirmar que estamos perante um evento que passará rapidamente e não deixará marcas que impliquem alterações na forma como fazemos e agimos.

Muito poderá ocorrer na forma de nos relacionarmos, nas relações mais próximas ou nas sociabilidades, assim como na quebra das barreiras mentais em torno da noção de trabalho. Neste último, o teletrabalho acaba de se afirmar como uma possibilidade que se tornará irreversível em muitos meios, após a quebra dos medos que relacionavam o presencial com a responsabilidade.

No campo do ensino, a revolução perspectiva-se como total. Acontecendo a meio do ano letivo (no hemisfério norte), ou deixamos cair todos os critérios de qualidade, voltando às "passagens administrativas", ou perdemos um ano, ou mudamos de paradigma, empurrados pela situação.

O recurso ao *online*, seja com aulas em tempo real, seja com o recurso a gravações e a conteúdos previamente preparados, é a única forma de não deitar fora um inteiro ano letivo, no caso dos níveis inferiores ao Ensino Superior, e de um semestre no caso deste último nível de ensino.

Investimentos, expectativas das famílias, necessidades de mão de obra, tudo concorre para que neste momento de excecionalidade consigamos afastar da mente os apriorismos e os preconceitos e avancemos em força para o Ensino à Distância, o *eLearning*.

No fundo, após e com este momento de crise, iremos em busca de um "Novo Normal", uma nova forma de integrar, não apenas o que se conseguiu como resposta criativa, mas também integrar essas respostas numa nova forma de ensino e aprendizagem pós-Covid19.

Está nas mãos de cada um dos intervenientes, não apenas adaptar-se a esta nova realidade, como avançar com respostas inovadoras que, em qualidade, integrem e construam este "Novo Normal".

É um desafio cívico a que devemos lançar mãos e todas as capacidades instaladas, cimentadas por uma grande dose de inovação e compromisso social.

“Vai ficar mesmo tudo bem?”

Entrevista na Antena 1, programa «Que vida é a nossa?», por Eduarda Maio
<https://www.rtp.pt/play/p7224/e486466/que-vida-e-a-nossa>

EDUARDA MAIO: Passaram só 4 meses, mas dá a impressão que foi uma vida, que foi uma eternidade não é? E houve uma frase no pico desta 1ª vaga que foi usada internacionalmente, que foi: “Vai ficar tudo bem”, esta necessidade que nós temos de plantar alguma esperança, no meio do caos, e passado 4 meses apetece-me perguntar, será vai mesmo ficar tudo bem?

PAULO MENDES PINTO: Nós, por trás dessa frase “Vai ficar tudo bem”, no fundo, criámos como que mais que um desejo, criámos uma utopia. Nós habituámo-nos a dizer que há uma série de coisas que mudaram e que vão mudar de forma irreversível. O termo-nos obrigado a parar fez-nos perceber que, afinal de contas, havia muita coisa que podemos fazer de forma diferente. Mas por trás deste “Vai ficar tudo bem” nós, no fundo, queremos um “Vai ficar tudo igual”, nós não queremos que vá ficar tudo bem, nós queremos que fique tudo como estava antes.

EDUARDA MAIO: Paulo Mendes Pinto é o Coordenador da área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona.

PAULO MENDES PINTO: Em relação à pandemia eu acho que nós temos aqui, todos nós dentro de cada um de nós, uma reação muito contraditória. De sentido oposto, por um lado, todos nós percebemos que inevitavelmente não vai ficar tudo igual, porque quanto mais não seja, há uma crise que está instalada e que vai crescer, mas também porque percebemos que se podiam fazer coisas diferentes. E que até seriam melhores. Os níveis de poluição baixaram imenso, por exemplo. Nós todos, hoje, queremos voltar a ter tudo presencial como tínhamos antes. Queremos voltar ao que era, queremos essa segurança, que é muito típica de qualquer ser humano, de qualquer ser vivo de qualquer espécie, que é voltar ao equilíbrio que estava conseguido. Mesmo que esse equilíbrio, em muitos aspectos, seja mau. Nós falamos no “novo normal” mas nós tentamos esforçar, tentamos esmagar esse “novo normal” para ser o normal igual ao normal antigo. Ora, nós de facto temos aqui uma oportunidade para mudança tremenda. Eu acho que inevitavelmente a pandemia está-nos a obrigar e vai-nos obrigar a algumas reflexões. Agora, o mais certo é que as mudanças que daí resultam vão ser muito poucas, vão ser muito escassas.

EDUARDA MAIO: Quantas interrogações é que a pandemia colocou no centro das nossas vidas?

PAULO MENDES PINTO: Várias questões foram colocadas: em todas elas, a dominante é a questão do medo. É espantoso como um “serzinho” mínimo consegue colocar toda uma

espécie em quarentena global. Eu gosto sempre de brincar com isto: nós não somos apenas *Sapiens*, nós somos *Sapiens Sapiens*, nós temo-nos numa tal posição em termos de ego, que achamos que somos duplamente inteligentes. Nós, de facto, somos uma espécie interessante, que superou desafios tremendos, mas de um momento para o outro, temos toda uma espécie encurralada dentro de casa, por causa de um vírus mínimo. Eu acho que isto nos deu uma consciência de espécie muito significativa. Mas, acima de tudo, cimentada no medo. A grande dominante é a questão do medo. E não é o medo apenas de cada um de nós, ou de alguém próximo de nós contrair a doença: criou-se um medo de espécie em que essa visão do ser humano como *Sapiens Sapiens*, como espécie vitoriosa, que é o fim da história, ficou tolhida fatalmente. De repente tivemos um certo vislumbre de que, no limite, pode haver um planeta Terra sem o ser humano. E não é preciso pensar em alterações climáticas, em cataclismos, em guerras tremendas. Não! Pode ser “apenas” um vírus.

PAULO MENDES PINTO: Este ficar confinados, reforçou bastante as preocupações ecológicas, num sentido mais largo, da própria ecologia integrando o ser humano. Agora, de forma mais concreta, por exemplo, em relação às políticas do trabalho, estou muito pessimista. Não sei se toda a aprendizagem que se fez nos últimos 4 meses, em termos de teletrabalho, não sei se nós iremos integrar algo disto numa nova normalidade, ou se efetivamente iremos todos voltar a trabalhar exatamente da forma como trabalhávamos. Com a concepção muito materialista, e eu diria muito ultrapassada, em que para averiguar da responsabilidade de uma tarefa, de um emprego, precisa-se muito daquela ideia de um posto de trabalho. Mas a pessoa trabalha onde? A pessoa está sentada onde? A pessoa pode estar sentada onde quiser, a pessoa pode estar a trabalhar num jardim público, na praia, no interior de Portugal ou de facto, no seu escritório de forma clássica.

Mas eu tenho de facto muitas dúvidas da forma como nós estabelecemos os critérios de gestão de poder, de certificação, de validação, de responsabilidade; tem muito a ver com o controlo do ser humano na sua dimensão física. Nós precisamos de ter o colega ao lado, para saber que ele lá está.

PAULO MENDES PINTO: Tradicionalmente, as Religiões olham para as grandes catástrofes naturais como castigos. Ora, o que nós vimos desta vez, foi algo extremamente interessante e que eu acho que foi a primeira vez que ocorreu. Aquilo a que podemos chamar o “pacote da modernidade”, o pacote sobretudo de uma lógica de pensamento científico, sobrepôs-se às lógicas de pensamento cultural. A obviedade, por exemplo, do confinamento, inclusive na prática religiosa, da Europa ao Oriente, de África às Américas. A lógica do pensamento científico sobrepôs-se às lógicas dos pensamentos culturais.

A minha geração, a sua geração, vamos procurar sempre o antigo normal. Sempre. Nós vamos procurar o paradigma, no qual fomos educados, onde crescemos, onde tínhamos a nossa segurança.

A grande aprendizagem vai-se dar nestas gerações mais novas, em quem, efetivamente, ainda não tem montada a sua segurança, quem não tem montado o seu paradigma. Estas gerações mais novas vão ficar imensamente mais marcadas pelo covid do que nós.

Para “Toda a Espécie”

A história do mundo daqui a uns anos vai-se dividir “antes do confinamento” e “depois do confinamento”, tantas vezes nós nos referimos a certos acontecimentos com “isso foi antes do 25 de Abril” ou “isso foi depois do 25 de Abril” e se foi “antes da grande Guerra” ou “depois da grande Guerra”. Eu acho que com o ocorrer do tempo nós iremos dizer isso foi “antes do confinamento” ou “depois do confinamento”.

Localização dos textos da *Visão*:

Aberta a Era do atravessar para o outro lado da rua. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-03-30-aberta-a-era-do-atravesar-para-o-outro-lado-da-rua/>

O caminho para o frio Norte. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-03-31-o-caminho-para-o-frio-norte/>

“Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra” ou, o vírus. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-01-crescei-e-multiplicai-vos-enchei-e-dominai-a-terra-ou-o-virus/>

Confinamento ou eremitismo? A busca do sentido. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-03-confinamento-ou-eremitismo-a-busca-do-sentido/>

O preço de uma vida. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-06-o-preco-de-uma-vida/>

“Porque “vai ficar tudo bem”?”. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-07-porque-vai-ficar-tudo-bem/>

Futebol, tremocos e Goethe. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-08-futebol-tremocos-e-goethe/>

A Páscoa da Covid-19. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-09-a-pascoa-da-covid-19/>

Gaia, para lá de nós. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-10-gaia-para-la-de-nos/>

Em busca de sentido para o silêncio. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-13-em-busca-de-sentido-para-o-silencio/>

À espera do desejo de mudança.... *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-14-a-espera-do-desejo-de-mudanca/>

Decameron, o humano obrigatório. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-15-decameron-o-humano-obrigatorio/>

A instalação do medo. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-16-a-instalacao-do-medo/>

Fez-se política: o processo de “desconfinamento”. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-17-fez-se-politica-o-processo-de-desconfinamento/>

Os Excluídos da Recuperação. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-20-os-excluidos-da-recuperacao/>

Regresso ao Sagrado. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-21-regresso-ao-sagrado/>

O Ramadão da Covid-19. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-22-o-ramadao-da-covid-19/>

Prazeres por senha. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-23-prazeres-por-senha/>

Morrer ausente”. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-24-morrer-ausente/>

A vitória do senso comum”. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-27-a-vitoria-do-senso-comum/>

O vírus silenciador”. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-28-o-virus-silenciador/>

O novo ócio: praias sem areia”. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-29-o-novo-ocio-praias-sem-areia/>

O separar das águas: Brasil e EUA vs Europa”. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-04-30-o-separar-das-aguas-brasil-e-eua-vs-europa/>

“2020, com vírus”: O tempo na ponta dos dedos”. *Visão* (online). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2020-com-virus/2020-05-01-2020-com-virus-o-tempo-na-ponta-dos-dedos/>

Para “Toda a Espécie”

Ficha técnica

Autor

Paulo Mendes Pinto

Imagem da capa

Escadaria do Instituto Moreira Sales

São Paulo

(fotografia do autor)

ISBN

978-989-757-316-3

Edição:



Edições Universitárias
Lusófonas

Direitos reservados para o autor e Edições Universitárias Lusófonas

Para “Toda a Espécie”